

MASCULINIDADES EM *SEIS VEZES LUCAS*, DE LYGIA BOJUNGA

MASCULINITIES IN SIX TIMES LUCAS, BY LYGIA BOJUNGA

Rosânia Alves Magalhães⁷¹

RESUMO: Este trabalho reflete sobre *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga tomando por base os estudos sobre gênero. A narrativa apresenta questões relacionadas à traição, o medo e as relações familiares das personagens. Para tanto, recorremos a teorias que definem gênero. Segundo Pierre Bourdieu (2011), a sociedade funciona como uma máquina simbólica que confirma a dominação masculina torna-a dispensável de justificativas diante de posturas machistas. O autor expõe que, a divisão social do trabalho é a responsável pela delimitação entre atividades e espaços que cabe a cada um dos dois sexos. Neste contexto, Lygia Bojunga apresenta formas de representação das masculinidades, como o pai do garoto Lucas que o proíbe de chorar ou sentir medo; ou a mãe do garoto, mulher omissa e submissa às atitudes arbitrárias do pai. Neste trabalho procurou-se compreender a ideia da construção das masculinidades, investigando a relação dos personagens em suas ações, que relevam o papel assumido por ambos os sexos no contexto sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; masculinidades; contexto sociocultural.

ABSTRACT: This work reflects on six times Lucas, by Lygia Bojunga based on studies on gender. The narrative presents issues related to the betrayal, fear, and family relationships of the characters. To do so, we resort to theories that define gender. According to Pierre Bourdieu (2011), society functions as a symbolic machine that confirms male domination makes it dispensable from justifications in the face of macho positions. The author explains that the social division of labor is responsible for the delimitation between activities and spaces that fit each of the two sexes. In this context, Lygia Bojunga presents forms of representation of the masculinities, like the father of the Lucas boy who forbids him to cry or to feel fear; or the boy's mother, a woman oblivious and submissive to the father's arbitrary attitudes. In this work, we tried to understand the idea of the construction of masculinities, investigating the relationship of the characters in their actions, which highlight the role assumed by both sexes in the sociocultural context.

KEYWORDS: Gender; masculinities; sociocultural context.

1. INTRODUÇÃO

⁷¹ Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. E-mail: rosanimag@hotmail.com

A análise da narrativa *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga, publicada em 2005, possibilita uma discussão sobre os estudos de gênero, mais especificamente, as representações das masculinidades, no que tange à dominação masculina proposta por Pierre Bourdieu. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar como se dá as relações de gênero, elaboradas por uma sociedade cuja herança cultural provém do patriarcalismo.

O trabalho foi dividido em três partes, a saber: a primeira observa a divisão social do trabalho em que se delimita o papel e lugares que cabe a cada um dos gêneros, segundo a perspectiva de Pierre Bourdieu (2011). A segunda parte discute sobre o ritual de separação do menino de tudo que representa o universo feminino, de modo que, os valores que simbolizam a dominação masculina são reforçados. Além de voltar à atenção para o papel da mulher na sociedade, que muitas vezes intensifica e coopera para a ideia de superioridade do masculino. A terceira e última parte faz uma análise da narrativa *Seis vezes Lucas*. Pierre Bourdieu (2011) defende a ideia de que uma construção social naturalizada no que se refere à divisão entre os gêneros, ratifica uma representação conservadora que favorece ao masculino.

O poder masculino de fazer com que uma interação entre os gêneros se dê segundo a vontade dos homens, aparece de várias formas, tais como o orgasmo feminino como prova de sua virilidade ou através do assédio sexual que nem sempre vem acompanhado da posse sexual exclusivamente, mas antes de tudo da simples afirmação da dominação do masculino. Assim:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2011, p.31).

Entretanto, conforme Connell e Messerschmidt (2013) salientam as masculinidades surgem em múltiplas relações de poder. Em que a masculinidades hegemônicas se diferenciam das subordinadas, de modo que a sobreposição de um determinado tipo de masculinidade pode ser identificada em termos dos agentes sociais, econômicos e culturais em que os diferentes tipos de masculinidades são construídos.

Joan Scott (1995) propôs um estudo sobre a associação entre masculinidade e poder, em que a autora enfatiza a valorização da virilidade em detrimento da feminilidade e a forma como as crianças aprendem essas associações e avaliações. Segundo a autora:

A linguagem é o centro da teoria lacaniana; é a chave de acesso da criança à ordem simbólica. Através da linguagem é construída a identidade generificada (gendered). Segundo Lacan, o falo é o significante central da diferença sexual. Mas o significado do falo deve ser lido de maneira metafórica. O drama edipiano, para a criança, coloca em ação os termos da interação cultural, já que a ameaça de castração representa o poder, as regras da lei (do Pai). A relação da criança com a lei depende da diferença sexual, de sua identificação imaginativa (ou fantasmática) com a masculinidade ou a feminilidade. Em outras palavras, a imposição de regras de interação social é inerente e especificamente generificada, pois a relação feminina com o falo é forçosamente diferente da relação masculina. Mas a identificação de gênero, mesmo que pareça sempre coerente e fixa, é, de fato, extremamente instável. Como sistemas de significado, as identidades subjetivas são processos de diferenciação e de distinção, que exigem a supressão de ambigüidades e de elementos de oposição, a fim de assegurar (criar a ilusão de) uma coerência e (de) uma compreensão comum. (SCOTT, 1995, p. 82)

Portanto, a ideia de masculinidade se constrói baseada no conflito entre o masculino e o feminino. “Os desejos reprimidos estão presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade, subvertendo sua necessidade de segurança”. (SCOTT, 1995, p. 82). Este tipo de análise sugere que o masculino e o feminino são construtos subjetivos, em que o sujeito está em constante construção. A

sociedade separa comportamentos e atitudes para homens e mulheres. Discursos como, “homem que é homem não chora”, “lugar de mulher é na cozinha”, mulher só serve para pilotar fogão”, dentre outros, reforçam a ideia de virilidade do homem ou a ideia de feminilidade da mulher.

Para José Remon Silva (2014), as relações de poder baseadas em gênero são constitutivas da organização social provenientes da estrutura do patriarcalismo, mantida intencional e deliberadamente pelos homens. De forma que, esta estrutura é construída e mantida dinamicamente pelas intervenções e relações de poder assimétricas dos homens em relação às mulheres e dos homens entre si. Tal sistema exige um tipo específico de ser, explica o autor, dotado de capacidade de exercer a violência, de modo que, o homem é imbuído de disposições para se tornar agressivo.

Durante este processo de formação o homem é atravessado pela incorporação da violência, impulsionada pela solidariedade entre eles, que os capacita a manter o poder sobre as mulheres. Entretanto, Silva adverte que, a solidariedade entre os homens só acontece na medida em que compartilham crenças relacionadas à sua supremacia. Quando se referem aos sentimentos, angústias e medo não há uma associação entre eles, pelo receio de exporem suas fraquezas. Além disso, há também hierarquias entre os homens que incorporam o processo da ordem patriarcal, por meio dos sociais que os separam.

Conforme salienta Bourdieu (2011), o trabalho de construção simbólica ultrapassa uma operação performativa e se realiza na mente das pessoas, de modo que impele uma “*definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero [...]”. (BOURDIEU, 2011, p. 33) (Grifo do autor). Assim, toda criança aprende desde cedo a produzir este artefato social que classifica um homem viril ou uma mulher feminina.

Portanto, conforme explica Bourdieu (2011), a divisão entre os sexos está na ordem natural das coisas, como se fosse inevitável sua presença no mundo social. Devido a incompreensão dos mecanismos profundos que legitimam os efeitos simbólicos da dominação masculina como naturais, dispensando qualquer justificação a visão androcêntrica. De forma que, a divisão social do trabalho serve alicerce para a distribuição das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos. Assim, o espaço da casa, educação dos filhos, por exemplo, são reservados às mulheres. Enquanto, aos homens são reservados lugares de assembleia, mercado, agricultora, futebol, etc.

Seguindo esta linha de pensamento Sandra Maria Garcia (1998) argumenta que os estudos sobre homens têm dado ênfase à diversidade de modelos masculinos, de modo que, desconstrói argumentos que culpam o masculino, ao invés disso, reconhece a necessidade de identificar o processo das relações de poder que emergem entre o homem e a mulher, para que haja transformações no âmbito das relações sociais orientadas pelas desigualdades de gênero.

A respeito disso, Connell e Messerschmidt (2013, p. 271) salientam que a divisão social do trabalho que separa o mundo masculino do mundo feminino, interfere nas relações dos filhos com os pais se caracterizam como focos de tensão, pois o papel do cuidado da casa e dos filhos é atribuição da mulher, enquanto os homens ficam responsáveis por profissões de gerenciamentos e o manejo da sua riqueza. Outro foco de tensão é a ambivalência dos projetos de mudança das mulheres que pretendem igualar-se aos homens. Segundo os autores, ocorrem oscilações da aceitação e rejeição no que diz respeito à igualdade de gênero por parte dos homens. A manutenção do poder envolve a desumanização de outros grupos, de forma que há um decurso da empatia e do envolvimento emocional entre as partes.

Miriam Pillar Grossi (2004), recorre a Elizabeth Badinter, para lembrar que “o gênero masculino se constitui universalmente por uma necessidade de separação dos meninos da relação com a mãe, que, por sua vez, representa o mundo feminino”. (GROSSI, 2004, p. 7). Os rituais de separação do menino da mãe representam o fortalecimento dos valores falocêntricos, e, conseqüente separação do universo feminino, pela negação de tudo que representa ser subordinado ao masculino. Portanto, a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura é entendida como agressividade. Desde a tenra idade o masculino é constituído pela hiperatividade dos meninos, que muitas vezes, se confunde com agressividade.

A respeito disso, Bourdieu (1998) expõe que o processo de dominação de gênero demonstra que a “violência simbólica se dá por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além – ou aquém – do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de *habitus* que são ao mesmo tempo gerados e gerantes.” (BOURDIEU, 1998, p. 22-23). Portanto, a visão androcêntrica de mundo está no senso comum, inclusive das mulheres, porque é imanente ao sistema de categoria de todos os agentes.

Neste contexto, a ideia de “mulher-objeto” é sustentada pelo fato de que ainda é vista como potencial objeto sexual para os homens. Pedro Paulo de Oliveira (1998) recorre ao esquema laciano lido por Judith Butler, para explicar que “o simbólico [...] marca o corpo pelo sexo mediante uma intimidação, dispondo, produzindo uma ameaça imaginária, isto é, uma castração, virtualizando no agente masculino um corpo castrado, caso ele não se submeta a seus desígnios”. (OLIVEIRA, 1998, p. 243). Assim, consentir ao simbólico corresponderia efetuar um alinhamento imaginário, em que o falo sendo virtual e imaginário deve ser continuamente reafirmado. Cabe à mulher confirmar a existência desse falo no agente masculino. A recusa das mulheres a essa doação ao homem do seu falo virtual constitui as mulheres fálicas, não castradas.

Todas essas discussões ajudarão na compreensão da construção das masculinidades, em *Seis Vezes Lucas*, através da investigação dos personagens em sua interação uns com os outros. Nota-se que em meio aos recursos expressionistas e miméticos, Lucas, personagem infantil, apresenta seu universo de medo, insegurança e conflito pessoal. Filho único em uma família que segue um modelo tradicional de patriarcalismo, a criança se vê imersa em um ambiente, no qual é treinada para ser viril.

Lucas é uma criança da qual o narrador não releva a idade, mas declara o medo do menino de ficar sozinho em casa.

No primeiro capítulo da narrativa, intitulado “Lucas e a Cara”, o garoto ficou com vontade de chorar, quando seus pais saíram à noite e o deixaram sozinho em casa, porém, Lucas se lembrou dos conselhos do pai dizendo que: “herói é quem vence os medos que tem”. Na tentativa de não deixar a lágrima sair e, assim tornar “um cara pro Pai não botar defeito” (BOJUNGA, 2014, p. 13), Lucas segura o soluço e tenta controlar o seu medo. Entretanto,

[...] a Coisa tinha começado a doer. Agora era assim: volta e meia a Coisa doía. Doía na garganta, no pescoço, no dente, e se o Pai dizia, mas, afinal! que dor é essa? O Lucas só respondia, não sei, é uma coisa; e se a Mãe falava, explica melhor essa coisa, meu filho, ele não explicava, só sabia que ela doía. (BOJUNGA, 2014, p. 14-15).

Nota-se que Lucas tinha um desafio, tornar-se “o cara” que o pai queria que ele fosse, para tanto, o menino vestia “a cara”. Os anseios do pai em fazer de Lucas um “homem”, não era algo que acontecia de forma tranquila, pois gerava no garoto um desconforto emocional que se materializava em forma de dores físicas, na região do pescoço, como se Lucas fosse obrigado a digerir algo que não lhe descia bem, que lhe fosse enfiado “goela abaixo”. Entretanto, Lucas ainda não tinha maturidade em discernir os seus sentimentos e descobrir o que lhe causava aquela dor que tanto o incomodava.

Para não sentir medo, Lucas pensa em chamar a tia Elisa, mas logo vem sua mente a voz opressiva do pai, que ressoa na mente do menino, mesmo quando este não está presente, como se pode ver no trecho a seguir: “Pegou o telefone e começou a discar. Mas o Pai ia acabar sabendo que ele tinha tido medo outra vez de ficar sozinho. [...] Mas o Pai ia chegar, ia olhar pro solzão de luz acesa, ia ver que ele tinha morrido de medo e... bom, então o jeito era ter um cachorro”. (BOJUNGA, 2005, p. 15). Nota-se que os substantivos “Pai” e “Mãe” quando pronunciados pelo narrador aparecem grafadas com a primeira letra maiúscula, mas quando pronunciadas em discurso direto pelo personagem aparecem grafadas com a primeira letra minúscula, apresentando a função de arquétipos, modelos a serem seguidos, não tendo nome próprio na narrativa justamente, por isso. Fica demonstrada por meio das locuções verbais: “ia acabar” “ia chegar” “ia olhar”, “ia ver” a presença constante do pai, na mente de Lucas, como algo que o monitora e o acusa o tempo todo. Além disso, as hipérboles: “solzão de luz acesa”, “morrido de medo”, figuras de pensamento que denotam os sentimentos de horror do menino caso o pai descobrisse que ele sentia medo.

Lucas pensa em desenhar um cachorro. “Deitou no chão pra desenhar gostoso o cachorro que ele ia ter”. (Bojunga, 2014, p. 15), pois acreditava que o bicho o ajudaria a se livrar do medo que sentia. Nota-se que não é qualquer animal. O menino escolhe um cachorro, símbolo de companheirismo, fidelidade, amizade, oposto ao que o pai representava para o garoto. Entretanto, lembrou-se que o pai nunca concordaria em lhe dar um animal de estimação. “Acabou largando o desenho do cachorro que ele não ia ter”. (BOJUNGA, 2014, p.16). Como forma de aliviar a dor que sentia e ao mesmo tempo, torna-se o cara que seu pai queria que ele fosse, Lucas criou uma cara, com massa de modelar. “Botou a Cara na cara” e correu para frente do espelho, pois “estava contente de ter um cara ali no espelho”. Ele já não estava mais sozinho que quis logo saber: “—Você é um herói? A Cara fez que sim”. (BOJUNGA, 2014, p. 17).

Neste contexto, Laura Sandroni (1997) afirma que a família e a escola são agentes privilegiados da opressão que o adulto exerce sobre a criança, tendo como argumento a proteção. Fica evidenciado na narrativa a opressão do pai do garoto quando este o proíbe de sentir medo. O narrador compartilha com o leitor os acontecimentos da vida de Lucas. O pai sai para dançar com a mãe, deixando o filho sozinho em casa e o menino é proibido de sentir medo. Além de ser noite, chove lá fora. Ao regressarem, o pai e a mãe de Lucas entram brigando em casa. O pai já irritado pela discussão questiona ao garoto o porquê de tanta luz acesa, conforme trecho a seguir: “— Lucas, que história é essa de som ligado e tudo que é luz da casa acesa! Você estava outra vez com medo de ficar aqui sozinho?” (BOJUNGA, 2005, p. 25). Segundo o pai de Lucas, medo é coisa de mulher; homem que é homem não tem medo. Assim o pai explode:

— Ô, mas que saco! chora mãe, chora o filho! — Tirou o Lucas do braço da Mãe: — Deixa ela chorar que ela é mulher, mas você é homem e eu não quero um filho chorão, com medo de ficar sozinho, com medo disso, com medo daquilo. (BOJUNGA, 2005, p. 26).

Neste trecho, observa-se a concepção do pai apoiada no falocentrismo. Para demonstrar a superioridade masculina é necessário afastar-se daquilo que é considerado feminino. Percebe-se que o aposto representado pela oração “Tirou o Lucas do braço da Mãe” marca na narrativa, um movimento brusco, agressivo, ou seja, atribuição dada ao masculino. O ato de tirar Lucas do braço da Mãe obedece a um ritual de separação do menino da mãe, ou seja, do universo feminino, sinônimo de fraqueza e tudo aquilo que se opõe ao masculino. Segundo a concepção do pai, mulher pode chorar, conforme fica demonstrado na frase: “Deixa ela chorar que ela é mulher”. Porém, as orações estão conectadas pela conjunção adversativa, “mas”, que marca a separação do masculino e feminino: “você é homem e eu não quero um filho chorão”. Além disso, a repetição do termo “medo” é constante em toda a narrativa: “medo de ficar

sozinho”, “medo disso”, “medo daquilo”, enfatizando a concepção do pai, de que homem não deve sentir medo, e isto garantirá a construção da virilidade em Lucas. Dessa forma, a consagração do ideal de hegemonia da masculinidade se dá inicialmente pela separação e violência simbólica, conforme Bourdieu (1998).

Nota-se que a lógica da construção do referencial masculino muitas vezes, ultrapassa aquilo que é consagrado como os valores éticos e morais na sociedade e que deveriam ser repassados à criança, pois no lugar de ensinar Lucas a importância de valores como ser honesto e íntegro, o pai está focado unicamente no fato de o menino virar um “homem de verdade”. No trecho a seguir é possível verificar o comportamento leviano do pai que mente para Lucas sem nenhum escrúpulo. Comportamento este, muitas vezes naturalizado em nossa sociedade. O pai é o provedor da família e isso autoriza ao másculo homem agir como bem entende com sua família, mesmo que, muitas vezes, de forma irresponsável. Assim, o pai como meio de se ver livre da insistência de Lucas, que queria muito ganhar um cachorro, mente para o menino que o presentearia com um em seu aniversário, sob a condição de que o menino não o perturbasse mais com aquele assunto: “No teu aniversário você ganha um. Mas com uma condição: você agora vai parar de falar em cachorro, ta?” (BOJUNGA, 2005, p. 29). A contração do verbo de ligação “está” denota concordância, acordo entre as duas partes, mesmo que de forma informal. Porém, enquanto o menino respeita o combinado, controlando sua ansiedade por dias para não falar do cachorro, o pai não cumpre o acordo, conforme lê-se no trecho a seguir:

E o cachorro, pai, cadê? cadê! _Que cachorro, meu filho? _ O Cachorro que você ia me dar no dia do meu aniversário: CADÊ? O Pai ficou procurando um cachorro na lembrança e, quando encontrou, meio que riu: _ Ora, filho, eu disse aquilo pra você parar de falar em cachorro. (BOJUNGA, 2005, p. 33).

A repetição do advérbio “cadê”, forma reduzida do termo “onde está”, “o que é de”, denota a expectativa de Lucas em ter seu cachorro. Afinal o menino esperou dias para ganhar o cachorro, mas o pai nem sequer lembrava-se do acordo que tinha feito com Lucas. O objetivo do pai é fazer com que Lucas tornasse homem, sem se preocupar com a formação do seu caráter. Portanto, ao confessar ao filho que mentiu, o pai revela comportamentos construídos sob a égide da dominação masculina que ocorrem com frequência dispensam justificativas, ou seja, tornam-se naturalizados.

A respeito disso, Pedro Paulo de Oliveira (1998), salienta que, desde a infância, o menino a partir da identificação com o pai ou outros agentes masculinos, percebe que o masculino é a representação do “sexo forte”. A vida escolar somado à experiência junto a outras instituições dará continuidade a essa identificação com o masculino que será continuamente reforçada. De modo que os códigos de comportamento masculino servirão de “modelo para vivências interacionais futuras”. (OLIVEIRA, 1998, 259). Seguindo esta linha de pensamento, Sandroni (1997) afirma que “o Pai é a palavra do Poder. O repetidor das estruturas ideológicas montadas”. (SANDRONI, 1997, p. 109). Assim, a autoridade do pai não permite qualquer tipo de contestação.

O poder exercido pelo masculino alcança tanto homens como mulheres, pois a submissão da mãe surge como uma relação social de dominação em que o feminino é apresentado de forma passiva diante das atitudes do masculino, fazendo com que o desejo masculino de posse e propriedade sobre os demais, surja como algo naturalizado.

_ Mãe... _ Hmm. _ Tá chovendo. _ É. _ E tá fazendo vento também. _
Daqui a pouco passa, meu bem. _ Eu to com medo de ficar aqui
sozinho. _ Não vamos começar outra vez com isso, não é, meu amor?
Você não viu a cara de teu pai no jantar? Ele não gostou nadinha de
ver você falando de novo que tem medo. (BOJUNGA, 2005, p. 12)

Mesmo depois da queixa de Lucas, a mãe não se posiciona diante dos excessos do pai.

Percebe-se que o relacionamento da mãe com Lucas ocorre de forma mais carinhosa, as expressões “meu bem”, “meu amor”, “nadinha”, denotam que os sentimentos maternos diferem do paterno. Enquanto a mãe é a representatividade do passivo, do afeto e do carinho, o pai surge como representatividade da agressividade, do brusco. Assim, a passividade da mãe faz com que ela também se submeta aos excessos do pai, pois, no lugar de ficar com o filho que tem medo, ela coopera para a construção do ideal de masculinidade quando aceita que o menino não deve ter medo. Ao contrário, as ideias de submissão da mãe e do filho à opressão do pai, já está naturalizada naquele ambiente. O que faz com que os pais ignorem os sentimentos do filho.

Em outro trecho verifica-se que Lucas ganha um vira-lata do pai, depois da decepção que teve em seu aniversário. O menino resolve chamá-lo de Timorato cujo termo designa aquele “que tem temor”, já que ele não poderia carregar consigo tal sentimento. O fiel companheiro de Lucas passou a suprir a falta dos pais, fazendo com que o medo que Lucas sentia fosse amenizado. Entretanto, no trecho a seguir verifica-se que em uma viagem com a família, o pai abandona Timorato na estrada com chuva e decepciona novamente o garoto:

E foi só o Lucas se virar e a porta de trás fechar que, pronto: o Pai já tinha largado o Timorato na estrada, já tinha entrado no carro e batido a porta e ligado o motor. O carro andou. _ O Timorato, pai! _ o Lucas gritou. A Mãe se virou assustada. O olho arregalado. Mas a mão tapando a boca. [...] olhou pra Mãe: por que que ela não dizia nada? Por quê! Então ele ia dizer. Mas continuou escorregado. (BOJUNGA, 2005, p. 50-51).

As expressões “o Pai já tinha largado” “já tinha entrado”, “batido a porta”, “ligado o motor” denotam a brutalidade, a imposição do poderio do masculino. Enquanto, para Lucas e a mãe restam reações que denotam impotência,

conforme se observa nas expressões: “o Lucas gritou”, “A Mãe se virou assustada”, “O olho arregalado”, “a mão tapando a boca”. Expressões que denotam medo, susto, ambos foram pegos de surpresa pelo pai. Lucas olha para a Mãe, como quem procura uma intervenção ao seu favor, mas não obtém êxito. Entretanto, o temor que Lucas sentia do pai faz com que ele continue escorregado no banco do carro, denotando sua submissão ao masculino. Percebe-se que na narrativa, o termo “escorregar” refere-se àquele que diverge dos princípios da masculinidade, foge das ideias de dominação do masculino, contrapondo-se à rigidez do pai, ao ereto, aquilo que está firmado, estabelecido pela visão do androcentrismo. Porém, o seu resvalamento surge como uma incapacidade de resistir aquilo que está posto.

A visão androcêntrica de mundo é imanente ao sistema de categoria tanto do homem como da mulher. Portanto, estão no senso comum, inclusive das mulheres, comportamentos que favorecem a continuidade do domínio do masculino, conforme Bourdieu (1998). Na narrativa, nota-se que o pai e a mãe chegam em casa discutindo e “Lucas acordou ouvindo a discussão [...]”, conforme se observa no trecho a seguir:

— ...você antes escondia os seus casos. Agora você perdeu toda a vergonha: paquera na minha frente tudo que é mulher que te agrada e, pelo jeito, tudo que é mulher te agrada. [...] — Mas agora eu cansei, está ouvindo? Cansei, vou m’embora. E não vou deixar o Lucas com você de jeito nenhum! Ele vai comigo. (BOJUNGA, 2005, p. 95)

A mãe diz que está cansada dos casos do pai, porque ele já não faz questão de esconder mais. Assim: “paquera na minha frente tudo que é mulher que te agrada”, “tudo que é mulher te agrada”. Essas expressões evidenciam a divisão entre o masculino ativo que tem a necessidade de trair, para que se manifeste seu reconhecimento erotizado de dominação e posse das mulheres, enquanto, o feminino passivo se encontra na posição daquele que aceita a

traição, se subordinando aos desejos masculinos, nota-se que a mágoa da mãe não estava na traição, mas no fato de ele não fazer questão de esconder, ou seja, tratava-se mais de uma preocupação com sua imagem do que com a traição em si, demonstrando que a traição praticada pelo marido é algo naturalizado, desde que ela não saiba.

Ainda, no exemplo a seguir:

O Lucas puxou o lençol e tapou a cabeça; por que será que a Mãe nunca falava o nome das mulheres? Será que ela não sabia nome nenhum? Era sempre a mulher de vermelho, a mulher de cor-de-rosa, a mulher de blusa verde, a mulher de saia marrom, ou será que o nome doía de dizer? ... (BOJUNGA, 2005, p. 97)

Verifica-se que a mãe se referia às outras mulheres pela cor da roupa que vestiam, “mulher de vermelho”, “de cor-de-rosa”, “de blusa verde”, “de saia marrom”, de modo que ela, enquanto esposa, se colocava numa situação superior, as demais mulheres que eram amantes. Entretanto, sem que percebesse, a mãe favorecia à construção e manutenção da ideia de “mulher objeto”.

Dessa forma, o próprio sujeito feminino contribui no processo de confirmação da identidade feminina como naturalizado pelo patriarcado. Ao associar as outras mulheres ao tipo de roupa que vestiam a mãe, mesmo que de forma inconsciente, representa as suas rivais, pessoas do mesmo sexo, como desprovidas de identidade. Essa postura denota a falta de confiança e o dilaceramento dessa mulher, ocasionado pela violência simbólica, em que o marido é infiel a sua esposa, demonstrando que os comportamentos se apresentam internalizadas, o que favorece à dominação do masculino.

Após à descoberta da traição, à mãe resolve ir para um sítio de uma parente, levando Lucas consigo, mas, logo, muda de ideia e se reconcilia com o marido, bastou o pai dar um telefonema que a mãe já o perdoou. Neste contexto,

a rivalidade entre Lucas e o pai cresce a cada episódio da narrativa, pois na visão do garoto, o pai nunca mudaria. Portanto, diante da passividade da mãe, Lucas tenta afastá-la do domínio do pai. Quando a buzina do carro do pai tocou, a mãe levantou num pulo e disse:

—Acho que o pai tá chegando!

— O Lucas levantou também; agarrou o braço da Mãe:

— É sempre ele, ele, não é? vai ser sempre assim? [...]

— Você só vê o pai na tua frente! você só faz o que ele quer! e eu?! você nunca vai fazer o que eu quero? — Largou a Mãe e saiu. (BOJUNGA, 2005, p. 105)

O ato de agarrar o braço da mãe denota sentimento de posse, demonstrando que mesmo inconsciente, Lucas começa a gozar da ideia de hegemonia masculina, criando-se uma disputa entre os dois homens da casa, pela posse das mulheres, conforme será demonstrado adiante, Lucas nutre uma paixão pela professora Lenor, a qual o pai mantém uma relação amorosa extraconjugal. Os verbos aparecem flexionados no tempo presente e futuro, conforme exemplos a seguir: “É sempre ele”, “vai ser sempre assim”, “você só vê o pai”, “você só faz o que ele quer”, “você nunca vai fazer o que eu quero”, demonstrando a indignação de Lucas, diante de uma situação que acontece naquele momento da fala e continuará no futuro. Trata-se de uma ação permanente, pois naquela disputa em que Lucas aparece como representante da masculinidade subordinada e o pai representante da masculinidade hegemônica, o primeiro “sempre” será o preterido, demonstrando os variados tipos de masculinidades existentes.

Retomando a questão do medo, percebe-se que é um sentimento que acompanha Lucas em toda a narrativa. Ficou demonstrado que a repressão do pai está baseada em um modelo de masculinidade, apoiado na agressividade, na brutalidade e na mentira. Portanto, o controle do pai sobre Lucas se fazia presente, mesmo quando ele não estava por perto. Depois da discussão com a

mãe, Lucas foge com raiva, para uma mata, próxima ao sítio em que estavam, e se perde, conforme trecho a seguir: “[...] começou a berrar; Socorro! ” Ao abrir a boca novamente para pedir socorro, “A Coisa que ele tinha sempre sentido na hora do medo agora agarrava ele todo, paralisava ele de dor, deixava ele fincado no chão, feito árvore”. (BOJUNGA, 2014, p. 109). Lucas sente-se paralisado pelo medo que, novamente se materializava em forma de “dor” física. Era necessário se livrar do choro contido, daquele sentimento que o paralisava, conforme lê-se abaixo:

[...] Lucas foi botando pra fora um choro antigo à beça, todo feito de medo e mais medo. Um choro supermorto-de-vergonha-de-imagina-se-o-meu-pai-vê. Um choro que tinha se habituado tanto a dar pra trás na hora de sair, que agora saía todo esquisito, ora gritado, ora cochichado. Mas saía. Cascadeando de soluço; escorrendo num gemido. Vinha choro de canto mais escondido do Lucas. E um choro se juntava no outro, e o soluço engrossava, crescia, desaguava cada vez mais forte pela boca, pelo nariz, pelo olho. Saiu choro muito tempo. Até esvaziar o Lucas todinho. (BOJUNGA, 2014, p. 111)

O choro aparece como um rio que se rompe e desce lavando os sentimentos reprimidos que Lucas guardava dentro de si. Verifica-se que “vinha choro de canto mais escondido do Lucas”, choro que nem o menino sabia que estava ali. O garoto precisava colocar a opressão exercido pelo pai para fora. Interessante notar a associação entre os elementos naturais “cascadear”, “desaguar”, que trazem a ideia de correnteza, rio, água, que o narrador faz com o choro, pois tratava-se de muitos choros acumulados, para dar vazão a todas as mágoas e sentimentos negativos ocasionados pelo pai, em prol do ideal de masculinidade, assim, foi necessário sair choro pela boca, nariz e olho. Lucas chorou até esvaziar todinho da repressão, dos ensinamentos advindos do modelo de masculino do pai. Entretanto, fica demonstrado a impossibilidade do esvaziamento. Apesar da resistência de Lucas, às ideias provenientes da

hegemonia masculina, tais como, o sentimento de posse, a ideia de mulher-objeto, já estavam inerentes a ele.

Na narrativa, durante o tempo em que Lucas esteve perdido na mata, entra um personagem em cena: “silencioso, esbranquiçado e disforme. O Lucas reconheceu ele logo, era o Nevoeiro. Ele vinha chegando devagar por trás do Timorato, [...] e onde ele tocava o Timorato sumia”. (BOJUNGA, 2014, p. 115). Vê-se que as relações de poder baseadas em gênero muitas vezes surgem como um nevoeiro que silencia e deforma o indivíduo em suas relações e sentimentos, especialmente aqueles que não delibera a favor da manutenção desta estrutura proveniente do patriarcalismo. Fica demonstrado que estruturas construídas e mantidas pelas intervenções e relações de poder do masculino exigem um tipo específico de ser dotado da capacidade de exercer a violência, impulsionada pela solidariedade entre os homens. Entretanto, essa solidariedade em relação a supremacia do masculino entre os homens não é compartilhada no âmbito dos sentimentos, angústias e medo, somente no âmbito dos valores e crenças, conforme Silva (2014).

Neste sentido, Bojunga apresenta através do olhar de uma criança, as vicissitudes da construção do masculino herdado pelo patriarcalismo. Dessa forma, Lucas sob um olhar crítico, carrega consigo sentimentos de pena e às vezes raiva dos seus pais, que parecem trabalhar juntos na manutenção do domínio do masculino. No trecho a seguir observa-se que a mãe em sua posição de passividade não é firme em suas decisões. Assim, “[...] dizia uma coisa num dia, desdizia no outro? então ela não tinha dito pro pai dessa vez eu não perdô mais você? Tinha! e agora não estava ali abraçando e beijando ele? E ela? Será que um dia ela ia gostar de gostar de novo do pai?”. (BOJUNGA, 2005, p. 123). Nas expressões “dizia uma coisa num dia”, “desdizia no outro”, “tinha dito”, “Tinha!”, os verbos estão no pretérito imperfeito do indicativo e servem para indicar a continuidade de acontecimentos que ocorriam com frequência no passado, mas, “agora”, no presente, estavam “ali abraçando e beijando” e a ação

do pai, baseada no androcentrismo, teria continuidade na traição. Além disso, as ações da mãe cooperam para sua submissão ao masculino, apresentados nas expressões em gerúndio que denotam a progressão de uma veneração e adoração ao pai. Dito isto, fica demonstrado que a violência simbólica é apreendida por um processo de associação que está além da vontade do subordinado. A sociedade como um todo é treinada histórica e socialmente para uma visão androcêntrica de mundo. Contudo, para Lucas ainda em formação, é difícil apreender esta associação, por isso o menino faz o seguinte questionamento: “Será que um dia ela ia gostar de gostar de novo do pai”, demonstrando que os excessos do pai já haviam passado do limite, e, ainda assim a mãe se reconciliava com ele.

Ao final da narrativa, o narrador traz uma reflexão crítica, a respeito da operação performativa da construção simbólica do masculino, em que tende a excluir tudo que não contribui para a produção do artefato social de um homem viril. Assim, a mãe ao buscar Lucas na Escola de Arte revela o quanto estava ansiosa com encontro romântico que teria com o pai logo mais, conforme trecho a seguir:

— Eu vou te deixar em casa e vou pro cabelereiro — A Mãe avisou. Piscou um olho contente pro Lucas: — Hoje o pai vai me levar pra dançar num lugar chamado Terraço. Ele disse que eu vou adorar: a gente janta e dança vendo o mar lááááá embaixo. O Lucas escorregou um pouco no assento. Fechou o olho. Abriu a porta vermelha. Como sempre. O Terraço estava todo iluminado, esperando ele chegar.

A música.

O armário com a Cara dentro.

O Timorato.

A Lenor (de vestido furta-cor)

A Mãe (vestida que nem a Lenor).

Até o Pai, que nunca aparecia no Terraço, estava também lá num canto.

Tudo parado esperando.

Esperando pra ver o que que o Lucas ia fazer.

E o Lucas parado na porta, sem saber se entrava ou saía, sem saber o que que fazia. Até que, lá pela tantas, entrou. Passou pela música, mas não tocou. Passou pelo armário, mas não abriu. Olhou comprido pro Timorato e pro Pai. Pra um, com saudade; pro outro, não.

A Mãe e a Lenor estavam lado a lado; o Lucas chegou perto delas, Olhou terno pra uma, pra outra, mas só disse assim pra duas: pensei que gente grande sacava melhor. (BOJUNGA, 2014, p. 132-133).

Nota-se que Lucas se coloca no centro daquele cenário imaginado por ele, o local em que o pai mantinha suas relações amorosas. O termo “Terraço” designa “cobertura plana de um edifício, feita de pedra, argamassa, concreto etc.”, local superior ao terreno de uma casa, associação à superioridade, dureza, resistência que representa a dominação do masculino sobre os demais. Lucas ao escorregar e fechar os olhos é capaz de enxergar, de modo crítico, ainda que de forma fantasiosa, o contexto que vivenciava naquele momento. A “Cara” dentro do armário refere-se as máscaras sociais que o indivíduo se vê obrigado a vestir, para ser parte da representatividade falocêntrica, na sociedade. O menino vê “A Lenor” e “A Mãe” lado a lado, ambas “de vestido furta-cor”, ideia de mulher-objeto, são iguais, não se diferenciam. O Pai estava lá parado também. Lançou um olhar saudoso para o Cachorro Timorato, mas para o Pai não, esta atitude de Lucas denota a mágoa que sentia do Pai. Fica latente a dificuldade do menino em aceitar o pai, pois não sentia saudades dele, apenas do cachorro Timorato, daquele que tinha temor, livre da opressão de não poder sentir medo, enquanto, o pai representava para Lucas uma interiorização da masculinidade que o proibia de sentir medo, ainda o separava da mãe, do feminino.

Enquanto a mãe e a professora Lenor são a representatividade de uma categoria de pessoas que são subordinadas a dominação masculina, associados a fraqueza e a submissão. Todos esperavam para ver o que “Lucas ia fazer”. Em princípio, Lucas ficou em dúvida “se entrava ou saía, sem saber o que que fazia”. O menino entrou, mas não tocou a música, não abriu o armário, e apesar da

ternura que sentia pelas duas mulheres, demonstrou seu desapontamento em relação a elas, pois pensava que gente grande sacava melhor. Sacava melhor o que? A opressão do Pai, os excessos que representava a dominação do masculino. Além da submissão e permissão da mulher que se sujeita e coopera para a permanência da sua subordinação ao masculino.

Dessa forma, através do olhar de uma criança, Bojunga expõe que as relações de gênero, entendida como uma categoria analítica que permite compreender e interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o feminino e o masculino.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho refletiu sobre a ideia da construção das masculinidades, nas relações entre os personagens de *Seis Vezes Lucas*, analisando o papel assumido por cada um deles na manutenção da dominação do masculino. Além disso possibilitou uma discussão a respeito do silenciamento e deformidade que pode ser causada numa criança, especialmente do sexo masculino, em prol do fortalecimento dos valores falocêntricos que são repassados de pai para o filho.

Sobre a divisão social do trabalho compreende-se que é a responsável pela delimitação entre atividades e os espaços que cabe a cada um dos dois sexos. Assim, ao pai cabe ser o cabeça da sua família e à mulher o cuidado da casa e dos filhos. Além disso, há uma preocupação do masculino em separar as crianças do sexo masculino de tudo aquilo que os aproxima do feminino, seguindo um movimento que tende para a agressividade e a superioridade em relação ao sexo oposto.

Na narrativa verificou uma tensão na relação Lucas e o pai, ocasionado pelos ciúmes que o menino tinha da mãe e da professora Lenor, somado a raiva que sentia do pai devido suas atitudes machistas. Neste intento, as personagens

femininas surgem na narrativa, confirmando o papel de passividade da mulher na sociedade e que suas ações cooperam para a construção da ideia de dominação do masculino. Vimos que, a violência simbólica está associada ao subordinado de tal forma que está além das suas vontades mudá-la, tornando-se naturalizada a visão androcêntrica de mundo.

REFERÊNCIAS

ARILHA, MARGARETH. UNBEHAUM, Sandra G. MEDRADO, Benedito (Organizadores). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS. Edição 34, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=76nON3lhdzIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=m masculinidades&ots=87YFBWPKUG&sig=QmIn22te0DBElxJOc2M3TCUkzRc#v=onepage&q=m masculinidades&f=false>. Acesso: 05/09/17.

BONJUNGA, Lygia. *Seis vezes Lucas*. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

BOURDIEU, P. *Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papyrus, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/219443198/A-dominacao-masculina-revisitada-Pierre-Bourdieu>. Acesso: 21/09/17.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CONNELL, Robert W; James W. Messerschmidt. *Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>. Acesso: 19/09/2017.

GARCIA, Sandra Maria. *Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero*. In: ARILHA, MARGARETH. UNBEHAUM, Sandra G. MEDRADO, Benedito (Organizadores). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS. Edição 34, 1998.

GODOY, Arnaldo. *Outro Olhar*: Revista de Debates. Ano V. Nº6. Belo Horizonte. Novembro de 2007. Disponível em: http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv%20sintoma.pdf#page=43

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidades - uma revisão teórica*, 2004. Disponível em:

[http://minhateca.com.br/LynnaGabriella/Documentos/Geral Estudos+de+G*c3*anero/GROSSI*2c+Miriam+Pillar.+Masculinidades+-+uma+revis*c3*a3o+te*c3*b3rica,217594326.pdf](http://minhateca.com.br/LynnaGabriella/Documentos/Geral%20Estudos+de+G%C3%A2nero/GROSSI*2c+Miriam+Pillar.+Masculinidades+-+uma+revis%C3%A3o+te%C3%B3rica,217594326.pdf). Acesso: 05/09/17.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, José Remon Tavares da. *Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem*. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife – PE. Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas. 18º REDOR. Novembro 2014.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção Social da Masculinidade*. Editora UFMG: Belo Horizonte; IUPERJ: Rio de Janeiro, 2004.

Recebido em 02/10/2018.

Aceito em 04/01/2019.